

Teatro Em Cartaz:



FOTOS DIVULGAÇÃO

LENDA - Mônica Guimarães na peça *Lenya*, artista que pode ser vista em foto dos anos 40 (D): figura central da vanguarda teatral e cinematográfica alemã do entreguerras só conheceu sucesso popular aos 65 anos

Delicadeza em tempos sombrios

Amir Labaki, estreante, homenageia Lotte Lenya, intérprete de Weill e Brecht

CRÍTICA

JEFFERSON DEL RIOS
ESPECIAL PARA O ESTADO

Se você ouviu *Speak Low* com Marisa Monte e gostou, então ponha o espetáculo *Lenya* na agenda. Idem para todos os que conhecem Frank Sinatra em *September Song*. São obras

de Kurt Weill, o compositor alemão de quase todas as músicas do teatro de Bertolt Brecht. Antes de ganharem o mundo, elas foram cantadas por Lotte Lenya, casada com Kurt, atriz de Brecht e uma das personalidades femininas européias relevantes nas artes do século passado, da estirpe de Marlene Dietrich. A peça de Amir Labaki é a delicada lembrança dessa existência moldada

em aventuras e vicissitudes. Lotte (1898-1981) no centro da vanguarda teatral e cinematográfica alemã do entreguerras, viu a ascensão do nazismo que a obrigou ao exílio, teve amores, venceu na América, onde se fixou, e deixou uma certa lenda em torno de si.

Apesar de todo esse passado quase exigir um enredo épico, Amir escolheu o caminho da delicadeza. Mostra um ser humano corajoso, mas afetivamente vulnerável. Superou a 2ª Guerra, esteve nos luminosos dos teatros europeus e americanos mas, por ironia, veio mesmo a ter algum sucesso popular aos 65 anos, como a vilã de um filme James Bond (*Moscú Contra 007*). Na vida real, admitia candidamente não ser "uma mulher de ficar sem um homem". Conseguiu não se amargar. Sua última foto conhecida é a de uma senhora com certo ar insolente, cigarro na boca, que parece olhar o futuro sem medo.

A peça é um monólogo enriquecido por recursos cinematográficos e a presença de um pianista que situam Lenya na voragem do tempo, transitan-

do entre homens talentosos e muito egoístas, tentando não se deixar sugar por eles, arriscando a carreira e a própria vida em tempos sombrios (Weill era judeu). Expõe intimidades e canta memoráveis canções que deram maior intensidade à *Ascensão e Queda de Mahagonny* e *A Ópera dos Três Vinténs* e outras peças da dupla Brecht/Weill.

TEXTO POLÍTICO E EXISTENCIAL FLAGRA A ARTE FLORESCENDO EM MEIO AO CAOS

Como não é uma biografia psicologizante, o espectador tem acesso ao cotidiano da Alemanha entreguerras, onde apesar da crise política, desemprego, hiperinflação, florescia uma arte brilhante. O caos se alastrava enquanto Max Reinhardt, Erwin Piscator e Brecht abriam novos rumos para a cena. O mesmo acontecia no cinema, com Georg Pabst e Fritz Lang; nas artes plásticas um Otto Dix,

para se ficar só em um grande nome; na literatura, Alfred Döblin, de *Berlim Alexanderplatz*.

A capital alemã fervilhava de artistas, aventureiros e bandidos, enquanto a massa operária se debatia por comida. Dias exaltados, criativos e o instante em que a história enlouqueceu abrindo caminho para Hitler. Época que o hoje esquecido escritor Georg Fink resumiu no romance *Tenho Fome*.

A Lotte Lenya de Amir Labaki tem um temperamento entre o cético e o melancólico, é condescendente com deslizes alheios, até de gente menor a quem se entregou por nada. Eterna sobrevivente (Weill e Brecht morreram em 1950 e 1956, respectivamente), ela chegou à década de 80.

O olhar compassivo do autor permeia o espetáculo de Regina Galdino, que aderiu a essa fluência contida do texto, abrindo mão de efeitos estridentes de cena. Os fatos se passam de modo coloquial, protegidos do tumulto das ruas - embora sintamos seu eco. Um pianista discreto, mas que se faz notar (Demian Pinto), iluminação ora forte, ora de abajur, e a interpreta-

ção de Mônica Guimarães que consegue ser ela mesma, embora tenha de representar um quase mito. Curiosamente, Mônica tem um tipo de rosto e o cabelo que lembram a enigmática Louise Brooks, americana que atingiu o estrelado filmando na Alemanha no mesmo período (a hoje familiar figura símbolo da Pandora Filmes).

Ela tem um jeito simples e sincero de se colocar na ação. Seu canto é seguro e convence sem a necessidade de comparação com a Lenya original. Respira bem, domina pausas e tem olhares ricos de subentendidos. Todo o espetáculo tem a calma introspectiva de um Lied (canto) alemão. Um texto político e existencial, que traz para o teatro Amir Labaki, intelectual de cinema que vem fazer companhia ao irmão Aimar, autor consolidado. Enfim, em dias de guerra, a ternura do falar manso. Speak Low. ●

Serviço

● *Lenya*. 80 min. 12 anos. Sesc Avenida Paulista. Espaço Décimo Terceiro Andar. Av. Paulista, 119, 3179-3700. 6.ª, sáb. e dom., 20 h. R\$20. Até 26/10